

SÍMBOLOS E ARQUÉTIPOS NO RITUAL DO TORÉ POTIGUARA: diálogos entre Psicologia Analítica e cultura indígena

SYMBOLS AND ARCHETYPES IN THE POTIGUARA TORÉ RITUAL:
dialogues between Analytical Psychology and indigenous culture

SÍMBOLOS Y ARQUETIPOS EN EL RITUAL TORÉ POTIGUARA:
diálogos entre Psicología Analítica y cultura indígena

João Irineu de França Neto*

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Instituto de Psicologia

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

E-mail: joaopsicologo9@gmail.com

ORCID: [0009-0009-6944-6100](https://orcid.org/0009-0009-6944-6100)

RESUMO

No presente trabalho, descrevo aspectos simbólicos e arquetípicos do ritual do toré, dança circular ritualística que é estruturante na cultura do povo indígena Potiguara, situado no litoral norte da Paraíba, com 33 aldeias nos municípios de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição. Elenquei para esta descrição os pressupostos epistemológicos da Psicologia Analítica junguiana, especificamente os conceitos de símbolo e arquétipo como materiais do inconsciente coletivo. O material analisado é resultante de pesquisa de campo participante, na forma de imersões culturais por eu ser pertencente à cultura do povo Potiguara. Concluo que o ritual do toré do povo Potiguara atua como uma produção simbólica do inconsciente coletivo na dinâmica da cultura ancestral indígena, unindo diferentes gerações de pessoas e fortalecendo vínculos de coletividade, na preservação da cultura e biodiversidade do território Potiguara e na luta pela efetivação de políticas públicas inclusivas da diversidade etnocultural e pelo Bem Viver dos povos originários.

Palavras-chave: Ritual; Povos indígenas; Psicologia analítica.

ABSTRACT

In this work, I describe symbolic and archetypal aspects of the Toré ritual, a ritualistic circular dance that is fundamental to the culture of the Potiguara indigenous people, on the northern coast of Paraíba, with 33 villages in the municipalities of Rio Tinto, Marcação, and Baía da Traição. For this description, I have drawn upon the epistemological assumptions of Jungian Analytical Psychology, specifically the concepts of symbol and archetype as materials of the collective unconscious. The material analyzed results from participatory field research, as cultural immersions, as I belong to the Potiguara culture. I conclude that the Toré ritual of the Potiguara people acts as a symbolic production of the collective unconscious within the dynamics of ancestral indigenous culture, uniting different generations of people and strengthening bonds of collectivity, preserving the culture and biodiversity of the Potiguara territory, and fighting for implementing inclusive public policies for ethnocultural diversity and for the well-being of indigenous people.

* Doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Unipê e em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.

Keywords: *Ritual; Indigenous peoples; Analytical Psychology.*

RESUMEN

En este trabajo, describo los aspectos simbólicos y arquetípicos del ritual Toré, una danza circular ritualística fundamental para la cultura del pueblo indígena Potiguara, ubicado en la costa norte de Paraíba, con 33 aldeas en los municipios de Rio Tinto, Marcação y Baía da Traição. Para esta descripción, me he basado en los supuestos epistemológicos de la Psicología Analítica Jungiana, específicamente en los conceptos de símbolo y arquetipo como materiales del inconsciente colectivo. El material analizado es resultado de una investigación de campo participativa, en forma de inmersiones culturales, dado mi pertenencia a la cultura Potiguara. Concluyo que el ritual Toré del pueblo Potiguara actúa como una producción simbólica del inconsciente colectivo dentro de la dinámica de la cultura indígena ancestral, uniendo a diferentes generaciones y fortaleciendo los lazos de colectividad, preservando la cultura y la biodiversidad del territorio Potiguara y luchando por la implementación de políticas públicas inclusivas para la diversidad etnocultural y el Buen Vivir de los pueblos indígenas.

Palabras clave: *Rituales; Pueblos Indígenas; Psicología Analítica.*

1 INTRODUÇÃO

Todas as culturas humanas são antes de tudo o movimento do vivido em comunidade. Muito antes de serem sistematizadas em termos racionais, que moldam procedimentos de uma escrita acadêmica, que direcionam processos de escolarização, que delimitam aspectos teóricos e metodológicos de pesquisa, as culturas diversas constituem-se como movimento espontâneo do viver, construídas mediante material simbólico acumulado por diversas gerações, através da oralidade.

Nas culturas dos povos indígenas, este movimento espontâneo do viver, na construção cotidiana dos fenômenos culturais, é mais intenso, no sentido de demarcação de uma consciência pessoal e coletiva, que afirma veementemente: *isto é nosso, isto é de nosso povo; estes traços culturais são pertencentes ao nosso povo*, marcando, desse modo, um lugar de pertencimento ancestral.

A Psicologia Analítica, desde sua fundação, sempre dialogou com as mais diversas culturas e espiritualidades, que são constituídas a partir de um vasto material simbólico, o qual estrutura a nossa psiquê coletiva, enquanto humanidade na interação com outras formas de vida do planeta.

No presente trabalho, descrevo, a partir de minhas imersões culturais como indígena Potiguara Psicólogo, alguns aspectos simbólicos e arquetípicos do ritual do toré, dança circular ritualística, que é estruturante na cultura do povo indígena Potiguara, situado no litoral norte da Paraíba, com 33 aldeias nos municípios de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição.

Conforme dados do Censo do IBGE 2022, no Brasil existem 391 povos indígenas e 295 línguas indígenas, sendo o total dessa população um quantitativo de 1.693.535 pessoas. Na Paraíba, a população indígena é composta de 26.375 pessoas. O povo Potiguara é a etnia com o maior número de pessoas indígenas no Estado, tendo um quantitativo de 24.598 pessoas pertencentes ao povo Potiguara (Paraíba, 2025).

Elenquei para esta descrição os pressupostos epistemológicos da Psicologia Analítica junguiana, especificamente os conceitos de símbolo e arquétipo como materiais do inconsciente coletivo. Ressalto que não falo de um lugar em que os povos indígenas são o outro. Mas parto de um lugar discursivo e vivencial de pertencimento étnico-cultural a esta coletividade dos povos indígenas, de modo especial afirmando, na dialética sujeito/coletividade, meu pertencimento às minhas raízes ancestrais do povo Potiguara da Paraíba. Desse modo, é preciso pontuar que não aprendi os cantos sagrados do toré e os passos de sua dança no universo acadêmico nem no registro em livros, mas recebi tais ensinamentos da espiritualidade indígena de meu povo Potiguara, por meio da transmissão da tradição oral, vivenciando muitas rodas de toré com os parentes indígenas nas aldeias do litoral norte da Paraíba, principalmente na Aldeia São Francisco, considerada a Aldeia Mãe do povo Potiguara, situada no Município de Baía da Traição (PB).

A palavra Potiguara é da língua Tupi, língua originária deste povo e outros povos da costa litorânea brasileira, como por exemplo o povo Tabajara e o povo Tupinambá. A palavra Potiguara significa *comedores de camarão*, que está relacionada à intensa atividade de pesca nos rios e no mar do território de nosso povo.

O toré é um dos principais rituais sagrados que constituem a espiritualidade do povo indígena Potiguara. Os povos indígenas não separam a espiritualidade do viver, mas celebram os momentos da vida comunitária na realização dos rituais, sendo que alguns rituais só acontecem em momentos específicos da vida, marcando inícios e fechamentos de ciclos.

Proponho, neste sentido, não uma mera aplicação da Psicologia Analítica, mas um diálogo possível entre os conceitos da Psicologia Analítica junguiana e os elementos simbólicos e arquetípicos nas vivências comunitárias do ritual do toré, realizado pelo povo Potiguara em diversos momentos festivos de suas comunidades.

2 INCONSCIENTE COLETIVO E ARQUÉTIPOS: DEFINIÇÕES

Convém discutir inicialmente a conceituação de Freud acerca da herança filogenética,

tecendo aproximações com os conceitos da Psicologia Analítica junguiana: “[...] a referência simbólica, não aprendida pelo indivíduo, tem o direito de ser considerada herança filogenética” (Freud, 2014, p. 269). A herança filogenética é semelhante ao que Jung chama de *inconsciente coletivo*, o qual não é de natureza individual, mas sim universal, possuindo os mesmos conteúdos em todos os indivíduos em qualquer parte do mundo, sendo

[...] idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. [...] Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os *complexos de tonalidade emocional*, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados *arquétipos* (Jung, 2013, p. 12).

É relevante beber desta postulação teórica de Jung acerca do inconsciente coletivo, constituído pelos arquétipos, quando pensamos nas culturas dos povos indígenas, as quais são construídas por meio de símbolos diversos, que têm suas significações enraizadas ancestralmente em arquétipos, presentes nas tradições da oralidade dos povos originários.

Jung realiza uma distinção epistemológica entre o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O primeiro corresponde à camada mais superficial do inconsciente, que tem como conteúdos os “*complexos de tonalidade emocional*, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica” (Jung, 1976, p. 16). O segundo consiste na camada mais profunda do inconsciente, que é inata, não se originando, assim, nas aquisições ou experiências pessoais. Os conteúdos do inconsciente coletivo são chamados de arquétipos, tipos arcaicos, “imagens primordiais que existiram desde os tempos mais remotos” (Jung, 2008, p. 16), podendo sofrer variações e, assim, se modificarem de acordo com a percepção e a consciência individual. As principais formas de manifestações dos arquétipos em níveis conscientes, conforme o autor, são os mitos, os ensinamentos esotéricos e os contos de fadas.

Nesta linha de pensamento, o autor explicita que os costumes, os fenômenos religiosos, os fatos culturais como um todo possuem imagens arquetípicas, cujos sentidos profundos se dão *a priori*, de modo que muitas vezes os indivíduos não se perguntam sobre seu processo de significação ou suas origens, sendo, assim, aceitos e reproduzidos socialmente como se sempre existissem.

É possível estabelecer um diálogo entre este conceito acerca dos arquétipos existirem *a priori* e a cosmovisão do povo Potiguara acerca da presença dos ancestrais, acompanhando o cotidiano da vida da comunidade indígena, de modo especial nos momentos de rituais. A noção de ancestralidade indígena na celebração aos ancestrais, por meio do ritual do toré dialoga com o que Jung (2014) reflete sobre a comunicação com o inconsciente coletivo, de

modo especial quando esta instância psíquica se manifesta a partir da idade madura do ser humano, isto é, na segunda metade da vida. Esta idade madura na cultura indígena de nosso povo Potiguara e de outros povos originários é simbolizada pelas imagens dos anciãos e das anciãs, que são os guardiões da sabedoria ancestral, das memórias coletivas e dos saberes da cura, transmitidos pelos ancestrais.

Conforme mencionado, para teorização da Psicologia Analítica junguiana, o inconsciente contém uma camada pessoal e outra coletiva. Há uma complementaridade entre estas camadas do inconsciente, como pontua o fundador da Psicologia Analítica:

A camada pessoal termina com as recordações infantis mais remotas; o inconsciente coletivo, porém, contém o tempo pré-infantil, isto é, *os restos da vida dos antepassados*. As imagens das recordações do inconsciente coletivo são imagens não preenchidas, por serem formas não vividas pessoalmente pelo indivíduo. Porém, quando, porém, a regressão da energia psíquica ultrapassa o próprio tempo da infância, penetrando nas pegadas ou na herança da vida ancestral, aí despertam os quadros mitológicos: os arquétipos. Abre-se então um mundo espiritual interior, de cuja existência nem sequer suspeitávamos. Aparecem conteúdos que talvez contrastem violentamente com as convicções que até então eram nossas. É tal a intensidade desses quadros, que nos parece inteiramente compreensível que milhões de pessoas cultas tenham aderido à teosofia ou à antroposofia, pois esses sistemas gnósticos modernos vêm ao encontro da necessidade de exprimir e formular os indizíveis acontecimentos interiores” (Jung, 2014, p. 89).

Pelo que se depreende da referida teorização, é no nível do inconsciente coletivo que se manifestam os fenômenos da espiritualidade, sobretudo no que diz respeito quando refletimos acerca de espiritualidades dos povos originários, que são pautadas no princípio da ancestralidade. É nesta perspectiva que proponho que o inconsciente coletivo no campo da análise das culturas indígenas seja denominado também como inconsciente ancestral.

A circularidade está presente nas mais diversas culturas ancestrais. Jung (2013, p. 19) menciona: “A experiência nos ensina que o “círculo protetor”, o mandala, é o antídoto tradicional para os estados mentais caóticos”. Não obstante as especificidades locais nos mais diversos territórios, há nas culturas indígenas, como em outras culturas ancestrais, um simbolismo acerca do círculo. O círculo representa a união da diversidade, representa o espírito de coletividade. Nós indígenas Potiguara, assim como outros povos indígenas do Nordeste, dançamos o toré em círculo, no sentido anti-horário.

A roda de toré pode ser interpretada a partir da concepção da “construção e função da mandala” (Eliade, 2002, p. 48). Nesta perspectiva, esta manifestação cultural atualiza o arquétipo do simbolismo circular do centro. Quando todas as aldeias do povo Potiguara, no dia 19 de abril, dia dos povos indígenas, vão à Aldeia São Francisco, chamada Aldeia Mãe, para no terreirão sagrado debaixo dos cajueiros celebrarem a memória de seus ancestrais, a

luta pela retomada de suas terras, a demarcação dos territórios indígenas e a afirmação de sua cultura como povo indígena, está se manifestando neste ato simbólico, por ser um ato ritual, o simbolismo circular do centro. Aquela aldeia, aquele terreiro simbolizam o centro do mundo, o lugar onde nasce o povo Potiguara, lugar simbólico de memória da união das aldeias e afirmação da cultura indígena, tendo como consequência o engajamento na luta por políticas públicas para o povo Potiguara. A reza, assim, além de ser celebrativa, é também um ato político-comunitário.

O toré é um ritual que representa simbolicamente para o povo Potiguara e outros povos indígenas do Nordeste uma conexão coletiva do povo com o sagrado. Com este ritual sagrado, entramos em outra temporalidade, que não é a temporalidade cronológica, mas uma temporalidade mítica, ritualística, simbólica, poética, a temporalidade criativa do viver, sem as pressões do tempo cronológico. Este é um dos sentidos arquetípicos simbolizados na dança do toré numa posição anti-horária.

De acordo com França Neto (2021), uma marca significativa da vivência do toré indígena é a manifestação da brincadeira numa perspectiva intergeracional, na interação de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, os quais estão imersos nesta experiência cultural ritualística do grupo étnico a que pertencem. Há no toré uma mediação com a brincadeira, posto que este ritual é marcado pela espontaneidade da dança, da gestualidade, da comunicação brincante, na expressão do riso descontraído entre os participantes. Tal manifestação cultural indígena configura-se como um elemento relevante de promoção da saúde mental coletiva das(os) que participam do ritual.

Jung aponta que nas sociedades primitivas o ser humano observava os sinais da natureza, como as manifestações do sol, as fases da lua e as estações do ano, assimilando esta experiência externa sensorial, para por meio dela projetar sua experiência anímica. Desse modo, “[...] os acontecimentos mitologizados da natureza, tais como o verão e o inverno, as fases da lua, as estações chuvosas etc., não são de modo algum alegorias destas experiências objetivas, mas sim expressões simbólicas do drama interno e inconsciente da alma” (Jung, 1976, p. 18).

Nos múltiplos contextos de nossas culturas indígenas, não estão dissociadas cultura e natureza, como a ciência moderna fez a ruptura entre esses dois processos. Cultura e natureza coexistem em nossas culturas indígenas. Portanto, esta coexistência entre natureza e cultura é constituinte de nossas epistemologias ancestrais indígenas. Por isso, ao realizarmos nossos rituais indígenas, celebramos o sol, a lua, as estrelas, as águas, as matas e todos os seres da Natureza, com a qual somos um.

Os fenômenos religiosos de diferentes vertentes são marcados por misturas de elementos simbólicos, às vezes manifestando-se como fenômenos explícita ou implicitamente sincréticos. Nesta perspectiva, corroboro com o que afirma Eliade (1998, p. 23): “[...] não há a menor probabilidade de se encontrar, em parte alguma do mundo ou da história, um fenômeno religioso ‘puro’ e perfeitamente ‘original’”. Na vivência de espiritualidade indígena do povo Potiguara também se manifestam práticas sincréticas. As influências do sincretismo religioso na prática do ritual do toré advêm do catolicismo popular, que tem como marca um universo mágico, construindo rituais por meio do pensamento mágico, tal como é descrito teologicamente por Süss (1979, p. 78) como um mundo em que há o “domínio de forças naturais ou sobrenaturais, doutrinas sincretistas de diversas tradições religiosas”. Analiso tal sincretismo religioso na manifestação ritualística do toré do povo Potiguara no tópico seguinte.

Conforme descreve Rocha (2020, p. 175), “a jurema é um termo polissêmico para designar um arbusto cientificamente chamado de *Mimosa hostilis*, da subespécie da jurema preta, que guarda um valor medicinal, que se delineia pela transição do arbusto, de bebida e de uma região espiritual”.

A jurema, além de ser uma planta medicinal no imaginário indígena e no imaginário popular, é também uma planta ritualística. Analisamos a relação simbólica desta planta sagrada no ritual indígena do toré no tópico seguinte.

Segundo França Neto (2021), a teia da memória coletiva é constitutiva da tradição oral, isto é, caracteriza-se como fonte da tradição oral das culturas populares e da religiosidade popular, a qual é tecida do ponto de vista do imaginário simbólico pelo sincretismo de saberes e rituais mágicos. A espiritualidade indígena compartilha deste universo das tradições orais, nas quais ocorrem esses rituais mágicos, como por exemplo quando se acende o cachimbo para saudar os caboclos encantados, que são os ancestrais indígenas presentes no ritual do toré.

As imagens simbólicas do inconsciente coletivo foram transpostas para determinadas religiões, compondo seu credo e sistemas ritualísticos, passando a serem controladas pelas religiões na atribuição dos sentidos a essas imagens arquetípicas, conforme aponta Jung (2013, p. 21):

O dogma substitui o inconsciente coletivo, na medida em que o formula de modo abrangente. [...] Quase toda a vida do inconsciente coletivo foi canalizada para as ideias dogmáticas de natureza arquetípica, fluindo como uma torrente controlada no simbolismo do credo e do ritual. [...] A humanidade sempre teve em abundância imagens poderosas que a protegiam magicamente contra as coisas abissais da alma, assustadoramente vivas. As

figuras do inconsciente sempre foram expressas através de imagens protetoras e curativas, e assim expelidas da psique para o espaço cósmico.

Nesta perspectiva, não obstante o aprisionamento de certas significações de imagens arquetípicas nos dogmas das religiões hegemônicas, é fundamental considerarmos através da teoria dos contrários, princípio epistemológico da Psicologia Analítica, que há imagens arquetípicas expressas com maior liberdade em certas espiritualidades ancestrais, como ocorre nas espiritualidades dos povos indígenas. Desse modo, compreendemos que o toré Potiguara atua como uma produção simbólica e arquetípica do inconsciente coletivo na dinâmica da cultura ancestral indígena, unindo diferentes gerações de pessoas e fortalecendo vínculos de coletividade, na preservação da cultura e biodiversidade do território Potiguara, bem como na luta pela efetivação de políticas públicas inclusivas da diversidade etnocultural dos povos originários.

3 SÍMBOLOS E ARQUÉTIPOS CULTURAIS DO POVO POTIGUARA NO TORÉ

Por uma questão de método, a interpretação analítica que realizamos não separa de maneira dicotômica os símbolos culturais, que atualizam os arquétipos, mas busca compreendê-los numa circularidade de entrelaçamento numa teia simbólica, na construção das significações culturais que vão sendo compartilhadas pelas pessoas indígenas da comunidade, quando vivenciam o ritual do toré.

Os cantos do toré são realizados sempre com uma repetição a cada frase, o que constitui um mecanismo espontâneo no fazer da cultura indígena com a função de fixação na memória da tradição oral dos cantos sagrados. Um dos cantos sagrados do ritual do toré menciona a mata: “Eu tava no meio da mata, eu tava tirando mel”. Dialogando com este fazer cultural dos indígenas Potiguara coletarem o mel nativo das florestas como alimento, que é parte de sua alimentação tradicional, existe em nossa tradição cultural a simbolização artística do grafismo da colmeia, uma das pinturas corporais da cultura ancestral do povo Potiguara. O grafismo da colmeia simboliza o espírito coletivo, conforme nos ensina o artesão Manoel Pereira Potiguara.

O sol e a lua – *Guaraci e Jaci* (na língua Tupi) – são saudados no ritual do toré Potiguara, por constituírem, na cosmovisão de nosso povo, forças ancestrais da Natureza. Um dos cantos é assim enunciado: *Salve o sol e salve a lua, salve São Sebastião! Salve São Jorge guerreiro, com a sua proteção*. Ocorre neste canto do toré Potiguara um sincretismo religioso, associado de maneira dita e não dita.

De maneira dita textualmente, o sincretismo se dá em relação ao catolicismo popular, mencionando os nomes dos santos católicos (São Jorge e São Sebastião). De maneira não dita, isto é, de maneira implícita, mas que é inferida por uma associação de imagens na construção arquetípica, o sincretismo se dá em relação às religiões de matriz africana, por se referir simbolicamente à mata. Como bem representa a canção da música popular brasileira, composta por Roque Ferreira e Paulo César Pinheiro, que ilustra em diferentes regiões do país o sincretismo religioso em torno da imagem de Oxossi, Orixá das matas: “Na Bahia é São Jorge, no Rio São Sebastião. Oxossi é quem manda nas bandas do meu coração”. Desse modo, no sincretismo religioso manifesto no toré Potiguara, há uma invocação do arquétipo da força ancestral da mata, presente tanto nas religiões de matriz africana quanto nas múltiplas espiritualidades dos povos indígenas. Tal associação de imagens corrobora com o que o artesão Manoel Pereira nos relatou na gravação do documentário Akajutibiró que: *No círculo do toré, os ancestrais nos trazem as mensagens das matas.*

Cantando e dançando o toré, saudamos a Jurema, que é uma planta sagrada na ancestralidade do povo Potiguara e de outros povos indígenas do Nordeste, planta esta da qual é feita uma bebida sagrada, que é tomada ritualisticamente pela comunidade durante o ritual do toré. No canto citado acima, o tronco da Jurema é caracterizado simbolicamente como um lugar de ritual, um lugar de reza forte, um lugar de transformação das energias da aldeia, do território indígena. É por isso que se reza e canta no tronco da Jurema, para se transformar, para curar, para demarcar.

Nesta saudação à Jurema, há outros cantos sagrados, como aquele que se dá na forma de invocação, de chamado à Jurema: *Chama a cabocla de pena Eu chamei ela pra vir me ajudar. Pra ver a força da Jurema, pra ver a força que a Jurema dá.* A Jurema é uma árvore curativa da mata, que representa a espiritualidade ancestral, os encantamentos dos caboclos e das caboclas, que são os espíritos encantados da floresta, conforme a tradição cultural do povo Potiguara e de outros povos indígenas do Nordeste.

Embora haja uma diversidade cultural entre os povos indígenas do Nordeste, há uma cosmovisão dentre esses povos acerca da Jurema, como uma bebida sagrada, como uma planta de poder, que atua no corpo físico, no mental e no espiritual. Simbolicamente, neste universo de uma cosmovisão da espiritualidade dos povos indígenas, podemos depreender que a Jurema tem seus encantos e mistérios, que nem todos podem ver, somente àqueles e àquelas que recebem a permissão espiritual da Cabocla Jurema, guardiã da árvore sagrada que dá a bebida curativa para os parentes durante os rituais da comunidade indígena.

Um dos cantos iniciais articula símbolos como os caboclos e a pesca: *Os caboclos da*

aldeia quando vão pro mar pescar. Dos cabelos faz o fio, do fio faz landuá. Este canto sagrado é cantado no início do ritual do toré, mas também no final, acrescentando-se neste término a seguinte parte: *Os caboclos da aldeia brincando na areia. Garapirá oi garapirá! Vamos dançar na alegria do mar.* A brincadeira no ritual do toré é fundante, como está na expressão poética deste canto, dança com alegria.

No final do ritual do toré, o povo Potiguara canta para o *garapirá*, um pássaro que, na cosmovisão de nosso povo, é aquele que dá o comando para os pescadores entrarem no mar para pescar. O mar é um arquétipo presente em diversas tradições culturais da humanidade. Na cultura e espiritualidade do povo Potiguara este arquétipo aparece no movimento simbólico de transformação, como se constata no referido: *O vento balança o mar, o mar balança a areia. É no tronco da Jurema que o índio balança a aldeia.*

Há uma tradição cultural entre os Potiguara da pesca de peixes e de camarão, tanto no mar quanto nos rios. Por ser um povo do litoral, o povo Potiguara canta para o mar, reverenciando sua energia de sacralidade, sua conexão com o mar. O mar é de onde o povo Potiguara retira grande parte de seu sustento na sua alimentação, pois o povo Potiguara é um povo pescador e navegador. Manoel Pereira nos falou na gravação do curta-metragem que dirigi, intitulado *Akajutibiró – Documentário Poético-cultural do povo Potiguara* (2026)¹: *Os Potiguara são os grandes remadores*, expressão que constrói um imaginário em torno desta conexão ancestral com o mar e os rios do território indígena Potiguara.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas neste artigo não são exaustivas nem pretendem sê-las, posto que as análises, por mais minuciosas que sejam, não dão conta da totalidade dos fenômenos socioculturais dos povos originários. E, assim, a vida e a cultura estão sempre abertas a novos olhares possíveis, quer sejam olhares analíticos, quer sejam olhares de encantamento, de apreciação com a beleza do movimento cultural vivido, manifesto nos rituais das espiritualidades dos povos indígenas.

Busquei percorrer neste trabalho sobre o ritual do toré do povo indígena Potiguara da Paraíba como um fenômeno cultural que parte de um lugar de pertencimento ancestral, estabelecendo um diálogo possível entre os conceitos da Psicologia Analítica junguiana e os elementos simbólicos e arquetípicos nas vivências comunitárias do ritual do toré, que marca

¹ Este curta metragem ainda não está disponível em uma plataforma ao público, devido às regras de ineditismo de festivais de cinema nos quais pretendemos apresentá-lo.

as festividades do viver nas comunidades indígenas. Assim sendo, é através de imagens simbólicas e arquetípicas do inconsciente coletivo ou inconsciente ancestral que o ritual do toré é festejado nas aldeias do povo Potiguara e nos múltiplos caminhos da Mãe Terra por onde vai seguindo nosso povo.

Reitero, portanto, que o toré é um ritual sagrado que se constitui como produção simbólica e arquetípica do inconsciente coletivo na dinâmica da cultura ancestral indígena Potiguara, que une na festa comunitária diferentes gerações de pessoas, fortalecendo vínculos de coletividade, na preservação da cultura e biodiversidade do território, nas lutas por políticas públicas e pelo Bem Viver coletivo.

REFERÊNCIAS

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução de Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANÇA NETO, João Irineu de. **Vozes e performances das rezadeiras e rezadores da Paraíba**: uma abordagem linguístico-antropológica. Belo Horizonte: Senso, 2021.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

JUNG, Carl Gustav. (org.) **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinto. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Aion**: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2014.

PARAÍBA registrou 95 etnias. **A União**, João Pessoa, 2025. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_diversidade/paraiba-registrou-95-etnias-indigenas. Acesso em: 27 fev. 2026.

ROCHA, Gabriel Kafure. Os praias do sertão: uma análise filosófica dos espaços imaginários promovidos pelo rito indígena da jurema. **Revista Semiárido De Visu**, Petrolina, v. 8, n. 2, p. 172-177, 2020.

SÜSS, Günter Paulo. **Catolicismo popular no Brasil**: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida. Tradução de Antonio Steffen. São Paulo: Loyola, 1979.

Conflito de interesses: O autor declara não haver conflito de interesses.

Recebido em: 02-03-2026

Aprovado em: 01-06-2026

Editora de seção: Soraya Cristina Dias Ferreira